

A ÍNTIMA RELAÇÃO ENTRE AS TECNOLOGIAS COMUNICATIVAS E NOSSA EXPERIÊNCIA AFETIVO-SEXUAL

Raquel Melo
rackmelo@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/7308341958938365>

RESUMO

A tecnologia permeia todas as esferas da vida humana. Desde o início da modernidade, as formas comunicativas, de cunho informativo ou artístico, têm estabelecido uma relação íntima com nossas expressões e práticas afetivo-sexuais. Neste artigo, propomos, de forma experimental, discorrer sobre esta relação que, na atualidade, apresenta novos contornos devido à natureza da tecnologia digital. Nosso intuito é contribuir para a compreensão e análise das transformações socioculturais decorrentes desta intersecção.

Palavras-chave: tecnologia, comunicação, digital, sexualidade, sexo.

V. é um jovem de 28 anos, gay, solteiro, advogado, mora na capital paulista. C. tem 34 anos, é heterossexual, vive uma relação estável, é jornalista, também vive em São Paulo. Eles não se conhecem, mas tem algo em comum. Parte de suas experiências amorosas e sexuais aconteceram a partir da internet. V. prefere os aplicativos com geolocalização, assim, encontra parceiros sexuais que estejam próximos, em qualquer momento do dia. Por vezes, suas investidas acontecem no intervalo do almoço no trabalho, ou ainda se deslocando pela cidade. C. encontrou seu atual companheiro em um *app*¹. No mesmo dia em que deram *match*², transaram e estão juntos há cerca de um ano e meio. Às vezes, V. entra nos ambientes para achar fotos ou vídeos que lhe excitam só para se masturbar, mesmo quando está namorando. Desde 1996, época em que não

1 Abreviação do termo aplicativo, tipo de software desenvolvido para dispositivos móveis como celulares, palmtops e tablets.

2 O termo inglês *match* é utilizado por alguns aplicativos de relacionamento e ocorre quando os usuários são correspondidos ao demonstrar interesse por alguém. Na língua portuguesa, o verbo pode significar corresponder, combinar, e, como substantivo, jogo, competição.

existiam *smartphones*, C. acessava *chats* de cybercafés. Lá se vão duas décadas que nossa experiência afetivo-sexual tem sido marcada pelo digital.

Em que pesem polêmicas³ e críticas⁴ ao uso das redes sociais digitais e aplicativos para fins afetivo-sexuais⁵, tais experiências são frequentes⁶. Atualmente, qualquer pessoa com um *smartphone* conectado à internet⁷ pode encontrar alguém para satisfazer seus desejos de forma presencial ou remota, ou simplesmente buscar fotos e vídeos, e deixar que a imaginação se encarregue do restante. Ainda que tenhamos dificuldade em compreender o prazer que prescinde da presença humana, tal fato é uma realidade. Esta constatação nos expõe outra questão crucial: quando uma ou mais pessoas se conectam para dar e sentir prazer, elas não estão sozinhas, arquiteturas, cabos, dispositivos, imagens, *bits*, redes telemáticas interferem na constituição de suas relações.

Os personagens mencionados integram o campo de nossa pesquisa⁸ e, ainda que atribuam valor instrumental à tecnologia, revelam que suas experiências afetivo-sexuais

3 Não desprezamos aspectos como a invasão de privacidade, uso indevido de dados pessoais ou práticas reprováveis social e culturalmente como a pedofilia. No entanto, tais questões não se configuram como foco de nossa pesquisa.

4 Em 2015, o Unicef divulgou um estudo em que associa o aumento nos casos de Aids entre jovens ao uso e tais ambientes, entre outras questões. Ver referência em: <https://blogs.unicef.org/east-asia-pacific/location-location-how-mobile-dating-apps-are-driving-an-increase-in-adolescent-hiv/> (Acesso em: 10 jan. 2016)

5 Existem inúmeros ambientes digitais para fins afetivo-sexuais. Em linhas gerais, são categorizados por identidades de sexo e gênero (heterossexuais, LGBTIs), raça/etnia (negros, latinos, asiáticos etc.), status de relacionamento (solteiros, casados), práticas sexuais (adeptos de *sex toys*, BDSM ou orgias), idades (adolescentes, adultos, idosos) até preferência religiosa entre outros segmentos.

6 De acordo com Miskolci (2014), nos Estados Unidos, por exemplo, tal situação caiu na normalidade, tanto que os canais de TV norte-americanos anunciam diariamente os sites de busca de parceiros em pleno horário nobre.

7 Reconhecemos as limitações do acesso à internet no mundo, no entanto, consideramos relevante o fato de que quase metade dos indivíduos esteja conectada. Ver relatório da International Telecommunication Union (ITU) disponível em: <https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/publications/misr2015/MISR2015-w5.pdf> (Acesso em: 9 jan. 2016).

8 Nossa pesquisa, em curso no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, tem como objetivo investigar se e como a tecnologia, em especial a digital, tem implicado alterações em nossas experiências perceptivas, com foco na experiência afetivo-sexual. Entendemos a tecnologia como parte constituinte desta esfera da vida. No momento da produção deste artigo, ainda realizávamos nosso campo, fato que nos impediu de expor aqui conclusões mais refinadas sobre o projeto.

têm sido forjadas por ela. Suas buscas por parceiros não se restringem aos encontros sociais em lugares físicos. Tal condição é absolutamente distinta das gerações anteriores. Agora, o flerte, namoro, amor, sexo casual, a curiosidade pelo conteúdo erótico-pornográfico⁹, ou seja, a busca pelo prazer afetivo-sexual, também ocorre na rede.

Ao investigarmos a interveniência do digital neste universo, percebemos que ele não seria um marco zero na relação íntima entre tecnologia e esta dimensão da vida. Neste artigo, propomos uma incursão nesta relação, discorrendo sobre as implicações das tecnologias comunicativas sobre nosso comportamento e experiências afetivo-sexuais¹⁰ desde a modernidade. Este olhar genealógico nos seria útil para evitarmos o recorrente equívoco do pensamento determinista sobre a tecnologia e suas implicações no cotidiano. A dimensão da relação entre tecnologia, pessoas e suas práticas afetivo-sexuais nos demandaria mais do que podemos expressar em um artigo, no entanto, lançamos um desafio introdutório. Para tanto, propomos o abandono de qualquer juízo moral sobre nosso objeto, visto que, em linhas gerais, nosso julgo costuma ofuscar realidade incontestes.

A tecno-promiscuidade

Aos afeitos à moral, promiscuidade significa ter relações sexuais fora de padrões sociais aceitáveis, no entanto, ao resgatar sua etimologia, alcançamos outra concepção que diz respeito à mistura desordenada de coisas e pessoas. Propomos o abandono das perspectivas dualista e antropocêntrica, que nos fazem acreditar que esta

9 Adotamos a expressão *erótico-pornográfico* cientes de suas distinções conceituais nesta literatura. Segundo Abreu (2012), a linha que divide erotismo e pornografia seria tênue. O termo erotismo derivaria de Eros, deus do amor e do desejo, e pornografia do grego *pornographos* que significa “escritos sobre prostitutas”.

10 Obviamente, outros aspectos de cunho sociocultural, econômico, político, religioso etc. influem nas questões levantadas pela pesquisa, no entanto, compõem nossa análise de maneira indireta.

dimensão da vida se resume a verdades absolutas¹¹ e seria concernente a um universo estritamente humano. Foquemos na noção amoral de promiscuidade, aquela da associação entre elementos de naturezas distintas. Assim, alcançaríamos outro patamar epistemológico, compreendendo a tecnologia não como externa ao humano, mas constitutiva dele, aceitando que palavra, corpo, papel, computador, imagem, sentidos, cultura, e tudo que existe se alteraria e implicaria de forma mútua e permanente, e traria consigo resquícios de cada experiência cotidiana, inclusive das sexuais. Para Marchesini (2010), nossa existência consistiria nestas hibridações:

Considerar o homem como único sujeito no palco cênico do mundo conduz a uma ontologia solipsística incapaz de explicar a virtude mais reluzente do ser humano, à tendência e à capacidade de se relacionar com o mundo e de com ele operar contínuos processos de conjugação. A tecnologia, a ciência, a dança, a música, a pintura, a lógica, a poesia e a moda são o êxito desse débito referencial. Não há expressão humana que não seja fruto desse diálogo, de tão antiga contaminação com o não humano. A autossuficiência não é do humano não porque nossa espécie seja carente, mas porque é abundante. (...) O não humano, longe de ser um simples instrumento nas mãos do homem, sempre foi um parceiro, um interlocutor, uma referência capaz, através da hibridação, de consentir tal processo descentralizador. (MARCHESINI, 2010, p.179)

Suponhamos que a linguagem nos conformaria, visto que, como apontava McLuhan (2007), seria a “extensão técnica de nossa consciência”. Sua forma escrita, nos expandiria pelo conhecimento aplicado que impactaria a maneira como todos nós, letrados ou não, expressaríamos pensamentos e arquitetaríamos nossas vidas. A partir do advento gutemberguiano, a ciência avançaria, nos inserindo noutra condição existencial, implicada pela linguagem que construiria nossa “significância cultural”, como indica Santaella (2003):

11 Nos referimos ao modelo de verdade biológica desenhado pela moral religiosa e pela cultura heterocentrada que, mesmo em contextos culturais distintos, em linhas gerais, nos impõem regras para a condução de uma vida sexual exclusivamente reprodutiva e monogâmica. Ver Preciado (2014).

A comunicação protética e aquilo que ela cria, especificamente, programas interativos de entretenimento, a internet, o ciberespaço e a realidade virtual, não são uma mera questão de mercado compartilhado ou mesmo de conteúdo. Em um sentido mcluhaniano fundamental, essas coisas são parte de nós mesmos. Como ocorre em todas as formas de discurso, sua existência nos conforma. Uma vez que elas são linguagens, é difícil ver o que elas fazem, pois o que fazem é estruturar a própria visão. Elas agem nos sistemas – sociais, culturais, neurológicos – através dos quais nós produzimos sentido. Suas mensagens implícitas nos modificam. (SANTAELLA, 2003, p.125)

A simbiose entre linguagem, escrita, cultura e ciência seria um terreno fértil para expressão e vivência de nossa afetividade e sexualidade. De acordo com Foucault (1988), desde o século XVIII, nosso comportamento sexual tem sido objeto de estudo e análise científica. Neste período, nossa ‘vontade de saber’ tomaria do cristianismo o controle dos discursos circulantes sobre o sexo no Ocidente. Se anteriormente esta dimensão restringia-se ao privado, ao confessionário, com a ciência, portanto, linguagem especializada, ela se espalharia entre outras áreas do conhecimento como economia, política, medicina, etc. Neste contexto, destacamos os adventos tecnológico-comunicativos, visto que nos permitiriam acesso a informações sobre sexo e sexualidade até então interditas.

Ao discorrer sobre as representações culturais da sexualidade, Bozon (2004) afirma que a temática sexual estaria presente em diferentes expressões artístico-comunicativas desde o início da modernidade. Segundo o autor, após um período desvanecido, o erotismo seria reintroduzido na cultura ocidental no século XVI pelo Renascimento italiano, as representações dos amores de deuses gregos e romanos, e de panfletos sobre a vida sexual do clero e da corte. A libertinagem¹² francesa do século

12 O termo libertinagem teria duplo sentido: evocação do livre pensamento Iluminista em detrimento do pensamento religioso, ou busca pelo prazer erótico. Ver Bozon (2004).

XVIII, especialmente literária e artística, também teria contribuído para a ruptura de representações e códigos da sexualidade na época¹³.

Na virada do século XIX para o XX, outras intervenções tecnológico-comunicativas, impactaram nossa experiência afetivo-sexual. Com a fotografia, a reprodução em série das primeiras imagens eróticas¹⁴ circularam em revistas e cartazes. Os filmes erótico-pornográficos começaram a ser produzidos¹⁵, ainda de forma amadora e com exibição limitada¹⁶. O estímulo sexual para a consumação do prazer individual ou coletivo se daria agora com as imagens. Neste momento, a experiência cotidiana nas cidades seria marcada pelos fluxos das imagens, percepções visuais e deslocamento. Se antes, nossa vida se encerrava no domínio doméstico, agora, alcançaríamos outra dimensão, na qual, segundo Benjamin (2014), se multiplicariam nossos pontos de vista sobre a vida.

Nossos bares e ruas de grandes cidades, nossos escritórios e quartos mobiliados, nossas estações de trem e fábricas, pareciam nos encerrar sem esperança. Então, veio o cinema e explodiu esse mundo encarcerado com a dinamite dos décimos de segundo, de tal modo que nós, agora, entre suas ruínas amplamente espalhadas, empreendemos serenamente viagens de aventuras. Com o grande plano, o espaço se dilata, com a câmera lenta, o movimento. (BENJAMIN, 2014, p.97)

13 Segundo Bozon (2004), frente às exposições da intimidade da burguesia e aristocracia, a literatura libertina teria sido proibida o que teria provocado certo frenesi no Ocidente, valorizando sua procura e tráfico de impressos e livros entres os países europeus.

14 Tal questão é criticada por pensadoras feministas que compreendem a produção fotográfica e audiovisual pornográfica como exploração comercial do corpo feminino, simbolizando sua objetificação, contribuindo com a violência contra as mulheres.

15 Os *stags movies* (filmes para homens), produzidos no início do século XX, tinham cerca de sete minutos, eram mudos e em preto-e-branco. Cogita-se que o primeiro *stag movie* tenha sido *A free ride* (1915). O filme está disponível no Wikipédia: https://en.wikipedia.org/wiki/A_Free_Ride (Acesso em: 9 jan. 2016).

16 Segundo Abreu (2012), os *stags movies* eram exibidos em ambientes fechados e bordéis, fora dos circuitos comerciais. Esta clandestinidade teria durado até 1970.

Para Di Felice (2009), as tecnologias comunicativas da Revolução Industrial forjariam o mundo pela estética, nos impelindo à fruição coletiva das experiências cotidianas.

Nas ruas de nossas cidades encontramos sinais de um novo húmus social, caracterizado pelas relações estéticas e pelo predomínio do visual sobre o ideal identitário. (...) Mais que clãs fechados e secretos, as novas formas de agregações urbanas são grupos abertos nos quais os indivíduos entram e saem com desenvoltura e leveza. (...) A imagem, portanto, seria um novo tipo de identificação e de agregação que colocaria os indivíduos em relação uns com os outros, criando sentidos através de uma forma-conteúdo estética. (DI FELICE, 2009, p.132)

O horizonte aberto pela tecnologia não significou, no entanto, o fim de certos modos. A produção artística e comunicativa de temática sexual ou erótico-pornográfica era discriminada. Segundo Bozon (2004), tal entrave obrigava autores literários a usarem pseudônimos sob pena de exclusão social. Moraes (2015) também nos chama atenção para os obstáculos impostos ao erotismo literário no Brasil devido à influência religiosa e patriarcal sobre nossa cultura. Entre 1960 e 1970, algumas produções audiovisuais ganharam as salas comerciais de cinema nos EUA¹⁷, em razão da flexibilização da classificação etária no país, possivelmente decorrente da liberação sexual em curso na época¹⁸. Na década de 1980, com o surgimento e popularização dos aparelhos

17 Entre as produções de maior projeção da época está *Deep Throat* (1972) que arrecadou cerca de US\$ 600 milhões. Segundo Abreu (2012), o sucesso do filme, comercializado inicialmente em circuitos alternativos, se daria à curiosidade de um público que desejava assistir filmes erótico-pornográficos em salas normais fora da clandestinidade.

18 Segundo Therborn (2006), a chamada revolução sexual implicou mudanças na ordem sociosexual, especialmente no Ocidente. A sexualidade teria se libertado, ainda que parcialmente, de regras religiosas e sociais, assumindo práticas antes condenáveis como o sexo antes ou fora do casamento. A idade para o início da vida sexual teria diminuído, e para o casamento aumentado. Inovações tecnológicas como a pílula anticoncepcional e dispositivos contraceptivos intrauterinos teriam facilitado o rompimento do sistema sexo-procriação, contribuindo com o aumento no número de parceiros e parceiras sexuais, a queda nas taxas de natalidade, a diminuição dos casamentos formais e aumento da coabitação de casais. No entanto, tal revolução sexual teria encontrado barreiras em alguns países da Ásia e da África. Outro dado histórico seria o reconhecimento da homossexualidade como forma legítima de sexualidade, sua descriminalização e

gravadores de vídeo, os filmes migraram das salas de cinema para as prateleiras de locadoras. Hoje, com as locadoras quase extintas¹⁹, tais produções foram para os ambientes digitais²⁰.

Enquanto o sexo e suas práticas eram capturados por máquinas fotográficas e câmeras de vídeo, passando de mão em mão, transitando entre bordéis, quartos e salas de cinema, outra tecnologia comunicativa os incorporava: o telefone que, em 1980, começou a ser explorado pela indústria do sexo²¹. Àqueles dispostos a pagar pelo serviço, bastava pegar o aparelho, discar um número e interagir com uma voz provocante. Se considerarmos que o telefone não transporta somente nossa voz, mas sim nos faz representar, em tempo real, em qualquer lugar, aventamos que esta experiência se daria entre cliente, uma voz e o objeto. Lévy (2011) ajuda-nos a compreender tal dimensão:

O telefone separa a voz (ou corpo sonoro) do corpo tangível e a transmite à distância. Meu corpo tangível está aqui, meu corpo sonoro, desdobrado, está aqui e lá. O telefone já atualiza uma forma parcial de ubiquidade. E o corpo sonoro de meu interlocutor é igualmente afetado pelo mesmo desdobramento. De modo que ambos estamos, respectivamente, aqui e lá, mas com um cruzamento na distribuição dos corpos tangíveis. (LÉVY, 2011, p.29)

exclusão da lista de desordens mentais da Associação Psiquiátrica Americana em 1973. Ver Therborn (2006).

19 Surgidas na década de 1970, as locadoras têm sido impactadas pela facilidade do consumo de produções audiovisuais na internet. Até mesmo grandes empresas do setor como a norte-americana *Blockbuster* fechou suas últimas lojas em 2014. Ver matéria publicada no jornal Folha de São Paulo: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2013/11/1368029-blockbuster-fecha-ultimas-lojas-nos-estados-unidos.shtml> (Acesso em: 9 jan. 2016).

20 Tanto a produção erótico-pornográfica para a internet quanto sua busca são significativas. A cada segundo mais de 28 mil pessoas acessam sites pornográficos, 35% do download da internet é de material pornô e 25% das buscas são referentes ao tema. Ver *Internet Pornography Statistics* em: <http://internet-filter-review.toptenreviews.com/internet-pornography-statistics.html> (Acesso em: 10 jan. 2016)

21 A editora da revista erótico-pornográfica norte americana *High Society*, Gloria Leonard, teria sido a primeira empreendedora a usar serviço telefônico para tal fim. Referência extraída de https://en.wikipedia.org/wiki/Phone_sex (Acessado em: 9 jan. 2016).

Notemos que a barreira geográfica entre pessoas desejosas por sentir ou provocar prazer se rompe. Se antes, esta experiência restringia-se ao excitar-se vendo alguém ou uma imagem, com o telefone, interagimos sexualmente com o ‘corpo sonoro’ do outro.

O rádio e a televisão também exploraram a relação tecnologia-afetividade-sexualidade, no entanto, com timidez e romantismo. Os programas radiofônicos, em geral, tinham o objetivo de formar casais, apelando para *playlists* e narrativas sugestivas. O ouvinte enviava cartas ou ligava para a rádio, conversava e expunha suas preferências amorosas com apresentadores e pretendentes. Na década de 1960, surgiam os primeiros programas de namoro na TV nos EUA²². No Brasil, surgiriam vinte anos mais tarde, com objetivos e formatos semelhantes. A abordagem erótico-pornográfica só encontrou espaço na TV por assinatura que cobra pelo acesso ao ‘conteúdo adulto’.

Tais experiências eram distintas das anteriores, visto que, a conversa entre ouvinte, telespectador, apresentadores e pretendentes saíam do âmbito privado, sendo ouvida ou assistida potencialmente por milhares de pessoas. Como se a prática do *voyeurismo*, ainda que disfarçada de entretenimento, tivesse sido normalizada pela tecnologia eletrônica.

Seguindo esta senda histórica, chegamos aos ambientes digitais²³ para fins de relacionamento social²⁴ que, desde sua criação²⁵, têm sido incrementados em suas arquiteturas, operação, acessibilidade, interação, finalidades, etc. Entre 1990 e 2000, exploramos, por *desktops* e *notebooks*, sites, *chats*, programas de comunicação instantânea²⁶ e redes sociais digitais²⁷. Os *smartphones* e *tablets* proporcionaram aos

22 Ver notas sobre *The Dating Game* lançado em 1965 na rede de TV norte-americana ABC em: https://en.wikipedia.org/wiki/The_Dating_Game (Acesso em: 9 jan. 2016).

23 Por ambientes digitais compreendemos sites, chats, aplicativos e redes sociais.

24 Sobre a internet e o momento anterior ao surgimento de tais ambientes digitais, ver Castells. (2003).

25 Segundo Finkel *et al.* (2012), tais ambientes surgiram na década de 1990, no entanto, o primeiro experimento com computadores para tal fim teria sido feito por alunos da Universidade de Stanford, em 1959.

26 Programas como ICQ, Messenger, Skype, Google Talk, entre outros.

27 Exemplos: Myspace, Orkut, Facebook, entre outros.

ambientes e usuários a portabilidade, ubiquidade²⁸ e a interação com outros objetos²⁹. Podemos nos comunicar fora do ambiente doméstico e de trabalho. Como vimos anteriormente, é por meio de e nestes ambientes, romantizados ou não como no *porn stream*³⁰, que os corpos das pessoas são transmutados em *bits* que viajam pela rede, satélites, fibras óticas, banda larga etc., e se projetam nas telas de dispositivos conectados, manipulados por alguém desejoso de prazer. Como explicar ou nomear esta experiência?

Di Felice (2009) sugere que o digital permitiria, por meio das interfaces, uma fluidez e hibridação entre pessoas, lugares, máquinas, sistemas, informação, etc. Para o autor, o surgimento de um social interativo implicaria novas formas de sociabilidade e de habitar o mundo, não mais delimitável, previsível porque mutante e indescritível.

O que caracteriza o habitar na época das redes digitais é, portanto, não apenas a perda do sentido do lugar, mas o fim do território e o desencadeamento de uma ulterior transformação da relação entre o sujeito, espaço-informação, marcada pelo surgimento de uma forma simbiótica e interativa. (DI FELICE, 2009, p.227)

Compreendemos tal experiência como inédita, visto que, em nenhum outro momento histórico, pudemos nos comunicar, interagir, encontrar e nos relacionar amorosa ou sexualmente desta maneira. Enquanto construímos esta nova forma de sociabilidade, a tecnologia também executa seu papel, não de simples mediadora, mas de agente interveniente que, claramente, altera nosso comportamento, escolhas e percepções sobre nosso mundo, logo vida afetivo-sexual.

28 Capacidade de arquiteturas digitais e de dispositivos eletrônicos de operarem de modo integrado, permitindo ao usuário o acesso a diferentes ambientes por meio de um único acesso.

29 Nos referimos à chamada *Internet das Coisas* designação dada aos objetos capazes de trocar dados e informações entre si por meio de conexão à internet. Ver https://en.wikipedia.org/wiki/Internet_of_Things (Acesso em: 10 jan. 2016).

30 Sites erótico-pornográficos em que é possível ver ou interagir com profissionais do sexo ou pessoas que simplesmente têm prazer em se exhibir e transar virtualmente.

Considerações

Os fenômenos ocorridos em nossas experiências no campo da sexualidade não deixam dúvidas: a tecnologia está presente em diferentes momentos e contextos históricos e socioculturais. Compreender esta relação entre pessoas e tecnologia na condução das experiências afetivo-sexuais, implica assumirmos a tecnologia não como algo externo ao humano, mas sim como um elemento vivo, ativo, interveniente e constitutivo de nós.

Vimos que, com a reprodução das imagens e a eletricidade, aprendemos outras formas de deslocamento, para consumarmos nosso prazer, chegando a prescindir da presença do outro, gozando pelas imagens, pelo telefone, pelo *voyeurismo* eletrônico. A passagem da tecnologia eletrônica para a digital, romperia definitivamente com a perspectiva frontal, que desenhava a comunicação linear entre emissores e receptores da informação e do prazer. A condição reticular da tecnologia digital elevaria nosso grau de interação, alterando nossa forma de perceber e habitar o mundo. Com o digital, nossos corpos se entrelaçariam em tempo real por meio de fluxos informativos reticulares. Nosso gozo virou *pixel* e *bit* conectado.

Os ambientes digitais para fins afetivo-sexuais nos proporcionariam uma experiência estético-informática, nos introduzindo em uma atmosfera – romântica ou sexualmente explícita – que nos impeliria à busca pelo prazer com ou sem o outro. Tudo que é visível nos estimularia a percorrer um caminho atrás do invisível, do sentir. Se não, pensemos então na experiência sensório-corpórea do prazer: pupilas dilatadas, arrepio, respiração ofegante, calor, suor, salivação, contrações involuntárias, lubrificação, ereção. Agora reconheça que sentimos tudo isso numa conexão intra e extracorporal, com imagens, dispositivos, cabos, telas. É um gozo promíscuo, pois estamos todos – nós, outras pessoas, dispositivos, arquiteturas, redes telemáticas etc. – juntos com um objetivo em comum: sentir e proporcionar prazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Nuno Cesar. **O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo**. 2.ed. São Paulo: Alameda, 2012.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Zouk, 2014.
- BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- DI FELICE, M.; PIREDDU, M. (Orgs.). **Pós-humanismo: as relações entre o humano e a técnica na época das redes**. São Caetano do Sul, SP: Difusão e Editora, 2010.
- DI FELICE, M.; TORRES, J. C.; YANAZE, L. K. H. **Redes digitais e sustentabilidade: as interações com o meio ambiente na era da informação**. São Paulo: Annablume, 2012.
- DI FELICE, Massimo. **Paisagens Pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar**. São Paulo: Annablume, 2009.
- _____. Redes sociais digitais, epistemologias reticulares e a crise do antropomorfismo social. **Revista USP**, n.92, p.6-19, dez./fev. 2011-2012.
- FINKEL, Eli *et al.* Online Dating: A Critical Analysis from the Perspective of Psychological Science. **Psychological Science in the Public Interest**. 2012.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. 16.ed. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2.ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. 2.ed. – São Paulo: Editora 34, 2011.
- MAFFESOLI, Michel. **Homo Eroticus: comunhões emocionais**. Rio de Janeiro: Forense, 2014.
- MARCHESINI, Roberto. Contra a pureza essencialista, rumo a novos modelos de existência. In: DI FELICE, M.; PIREDDU, M. (Orgs.) **Pós-humanismo: as relações entre o humano e a técnica na época das redes**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2010, p.163-183.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- MIRANDA, José A. Bragança de. **Corpo e imagem**. São Paulo: Annablume, 2011.
- MISKOLCI, Richard. San Francisco e a nova economia do desejo. **Lua Nova**, n.91, p. 269-295, 2014.

_____. Discreto e fora do meio: notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. **Cadernos Pagu**, n.44, p.61-90, 2015.

MORAES, Eliane Robert. **Antologia da poesia erótica brasileira**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2015.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. 3.ed. – São Paulo: Paulus, 2008.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

THERBORN, Göran. **Sexo e poder: a família no mundo 1900-2000**. São Paulo: Contexto, 2006.

SOBRE A AUTORA:

Bacharel em Comunicação Social pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso (RJ). Especialista em Gestão de Comunicação Digital pelo Centro Universitário Senac (SP). Mestranda com bolsa CNPq no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Atualmente, atua como pesquisadora no Centro Internacional de Pesquisa ATOPOS da ECA/USP e integra a linha de pesquisa *Sentires em rede*.